



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

Departamento de História

Curso de Licenciatura em História

ANTHONY VINÍCIUS SOUZA SAMPAIO

O VÍCIO DEGRADANTE DO CORAÇÃO DO HOMEM:

arqueologia e o consumo de bebidas alcoólicas no Recife oitocentista

RECIFE

2024

ANTHONY VINÍCIUS SOUZA SAMPAIO

O VÍCIO DEGRADANTE DO CORAÇÃO DO HOMEM:

arqueologia e o consumo de bebidas alcoólicas no Recife oitocentista

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador(a): Profa. Dra. Suely Cristina Albuquerque de Luna

RECIFE

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S192v Sampaio, Anthony Vinícius Souza
O VÍCIO DEGRADANTE DO CORAÇÃO DO HOMEM: arqueologia e o consumo de bebidas alcoólicas
no Recife oitocentista / Anthony Vinícius Souza Sampaio. - 2024.
61 f. : il.

Orientadora: Suely Cristina Albuquerque de Luna.
Inclui referências.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Licenciatura em História, Recife, 2024.

1. Bebida Alcoólicas. 2. Cotidiano. 3. Recife. 4. Século XIX. I. Luna, Suely Cristina Albuquerque de,
orient. II. Título

CDD 909

ANTHONY VINÍCIUS SOUZA SAMPAIO

O VÍCIO DEGRADANTE DO CORAÇÃO DO HOMEM:

arqueologia e o consumo de bebidas alcoólicas no Recife oitocentista

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito para obtenção do título de Licenciado em História.

Aprovado em 29 de fevereiro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr.^a Suely Cristina Albuquerque de Luna
Diretora e Professora Adjunta do Departamento de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE
(Orientador/a)

Prof^a. Dr.^a Ana Lúcia do Nascimento Oliveira
Professora Adjunta do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE
(Examinador/a Interno/a)

Prof^a. Dr.^a Luana Maria Ventura dos Santos Oliveira
Professora Adjunta do Departamento de História da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE
(Examinador/a Externo/a)

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 O CONTEXTO ARQUEOLÓGICO DO SÍTIO DO PILAR.....	15
3 O COTIDIANO DO RECIFE OITOCENTISTA A PARTIR DO CONSUMO DAS BEBIDAS ALCOÓLICAS.....	25
4 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS.....	37
5 GARRAFAS DE BEBIDAS, ARQUEOLOGIA E A CIDADE.....	41
6 CONCLUSÃO.....	56
REFERÊNCIAS.....	59

AGRADECIMENTOS

Passei um bom tempo refletindo sobre os agradecimentos desta longa jornada. Pensei sobre o tempo que passou, pessoas que conheci, pessoas que se foram, momentos de alegria, tristeza, crises e realizações. Todos os anos em que passei dentro da universidade e descobrindo uma vida totalmente diferente da que eu estava habituado fizeram a pessoa que sou hoje. Tudo que eu tenho é agradecer àqueles que ficaram, aqueles que foram embora, mas deixaram suas marcas, e aqueles que já não estão mais aqui. Obrigado por isso, espero sempre melhorar e desenvolver quem eu sou, e trazer orgulho para todos vocês.

Assim como todas as vezes que apresentei minha pesquisa, eu inicio meus agradecimentos a minha querida avó, Maria Hilda Mano (*in memoriam*), ou vovó Hinha, como sempre a chamei e continuarei chamando. Mesmo não conhecendo bem a área, vovó sempre me incentivou a continuar, escutou minhas crises e momentos de alegria, e sempre esteve ao meu lado, seja para me aconselhar, ou para me dar um puxão de orelha. Vovó era uma pessoa forte, me ensinou muita coisa sempre que podia, não teria como eu escrever apenas algumas linhas para essa pessoa forte e incrível, que infelizmente deixou esse mundo antes do tempo. Vó, seu melhor amigo e fofoqueiro cresceu, e eu gostaria muito que, seja lá onde a senhora estiver agora, que a senhora esteja vendo isso, seguirei em frente sempre lembrando as ótimas coisas que a senhora me ensinou.

Também gostaria de agradecer aos meus pais, Rejane Barbosa de Souza e Manuel Silva Sampaio Júnior, que tanto me ensinam e me orientam sobre a vida. Vocês sempre me incentivaram a continuar estudando, mesmo nos meus piores momentos, e sempre me motivaram a crescer e ter um futuro melhor. Agradeço a minha mãe por sempre me acolher e cuidar de mim, assim como meu pai, sobretudo por nossas conversas sobre a vida e nossos papos sobre jogos e tecnologia, que são o meu grande *hobby*.

Também não poderia deixar de mencionar meu irmão caçula, Antônio Lucas Souza Sampaio, que vivíamos em um pé de guerra quando crianças, e hoje me vejo como um exemplo que devo dar a você. Peço desculpas pelas vezes que eu não tive paciência pra te ajudar quando você era mais novo, e eu um pré-adolescente, hoje eu espero que nossa amizade se fortaleça ainda mais. Sinto que agora que

estamos mais crescidos, podemos nos unir e crescer juntos, saiba que você pode sempre contar comigo, seja para lhe aconselhar, puxar sua orelha, ensinar o que sei, ou só para jogar algum jogo juntos.

Agradeço também à minha avó Severina José Lopes, vovó Biuzinha, que sempre esteve aqui por mim, mesmo quando eu estava mais sumido. Também às minhas tias paternas, Ana e Thereza, assim como as maternas, Marlene, Marleide e Solange, e peço desculpas nos momentos que estive ausente. Cada uma de vocês, desde que eu era só uma criança abestalhada, me ensinaram, do seu jeito, sobre a vida, e também ajudaram a formar quem eu sou.

Com relação à UFRPE, eu gostaria de iniciar agradecendo imensamente à professora Suely Luna, por cada aprendizado ensinado a mim, conselhos e cafés que dividimos em nossa rotina do laboratório. Também gostaria de agradecer às professoras Ana Nascimento e Rozélia Bezerra, que tanto me apoiaram a seguir em frente com esse trabalho maravilhoso, que envolve arqueologia e alimentação. Vocês foram os principais pilares para que eu pudesse seguir em frente e conhecesse a imensidão de uma pesquisa científica, como também sobre a própria vida em si. Obrigado, professora Rozélia, pela live que fizemos durante a pandemia, em 2020, que abriu horizontes para me incentivar a pesquisar e continuar meus trabalhos, mesmo em um momento tão difícil para todos.

Aos meus amigos da graduação, vocês não imaginam o carinho que tenho por vocês, agradeço a todos vocês, desde os meus colegas de turma, pessoas que conheci pelo curso e, claro, os amigos que fiz no laboratório. Quero agradecer a Jonas Melo e Jaime Guimarães por terem me ajudado a conhecer melhor a área da arqueologia. Agradeço a Dayane Gomes, Gabriel “Musta” Vinícius, Jonas Eduardo, Pedro Henrique, Maryanne Freitas, Evelyn Oliveira, Gernam, Rodrigo, Eliane, Aline Giovane e Luiz, pelos momentos de risadas e conhecimentos compartilhados no Neparq e nos eventos da universidade. Especialmente gostaria de agradecer a Day por dividir uma gigante rotina comigo em laboratório e também nos estágios, onde ouvíamos as crises e fofocas um do outro.

Agradeço a Gabriel “Zé” Pedro, Alvaro Gomes, Ailton Robson, Samahra, Clark, Caio, Henrique, Cassiano, dentre vários outros colegas e amigos que fiz ao longo da graduação. Vocês tanto me ajudaram a trilhar esse caminho ao longo das disciplinas que cursamos, como dividimos momentos de alegria e acolhimento pelo

mundo fora da universidade. Também queria agradecer as amigadas que cultivei quando estagiei no Museu do Estado de Pernambuco. Deborah Watanabe, Raquel Simões, Beatriz Vilaça, Rayssa Lorentz, Luciana “Lu” e Adilson Pereira, que fizeram minhas manhãs serem muito mais animadas e mais fáceis de lidar ao longo da rotina de trabalho.

Quero agradecer, é claro, aos meus grandes amigos que fiz ao montar uma mesa de RPG. Zé, Laís, Luisa, Cassie e Isaías, vocês não sabem o quanto isso faz diferença na minha vida, onde a gente se reúne todo mês para jogar um RPG a partir de um mundo que eu criei. Pode parecer algo simples, mas o tempo que a gente se junta, e o tempo que eu passo escrevendo meus mundos e histórias fantásticas desenvolvem mais ainda minha criatividade, algo que eu espero sempre melhorar, pois também faz parte de quem eu sou.

Não posso deixar de agradecer àqueles que me influenciaram diretamente a trilhar esse caminho pela área das ciências humanas, sobretudo História. Agradeço imensamente aos meus professores e amigos Emílio Moura, Vilmar Victor e Danúbio Santos, por terem me orientado tanto quando eu estava no ensino médio. Vocês acompanharam meu crescimento e foram responsáveis por me inspirar a escolher esse curso, tanto pelas incríveis aulas que tive o privilégio de acompanhar, como também pelas nossas conversas sobre a vida.

Também agradeço a minha terapeuta, Rebeca Novaes, que tanto me escutou ao longo desses anos, desde o período da pandemia, e vem me ajudando na minha jornada de autoconhecimento. Agradeço demais por você ser essa pessoa única e que segue o mesmo ritmo de loucura que o meu durante as sessões. Começar a terapia contigo foi uma das melhores coisas que eu fiz para cuidar da minha saúde, eu agradeço de coração por você estar aqui para me ouvir.

Por fim, quero agradecer a minha parceira Cassie, por aguentar meus momentos de crise, com a vida, com a universidade, com trabalhos, mas é claro, sobretudo por dividir comigo uma vida também cheia de alegrias. Você também me ensinou a ser uma pessoa melhor, assim como seus pais Cristiane Andrade e Ivaldo Bezerra, que também me acolheram na família e me deram forças para continuar lutando. Você sabe o quão especial você é na minha vida, e eu agradeço por todos os momentos especiais que tivemos. Você me incentivou não só a seguir com meus

trabalhos, como também a retomar práticas que eu havia deixado de lado, como a de escrever ficção e desenhar, eu agradeço imensamente por isso.

Também espero que esse trabalho possa gerar muitos debates e possibilidades, e que também possa ser algum tipo de fonte ou guia para outros pesquisadores. A sensação que tive ao escrever esses agradecimentos é algo indescritível, mas que me faz pensar o quão boa foi essa jornada. Obrigado a todos que estiveram e estão presentes comigo no desfecho dessa história, amo todos vocês, e que venham os próximos desafios.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivos observar as posturas sociais e médicas na cidade do Recife oitocentista relacionadas ao consumo de bebidas alcoólicas, frente às mudanças no âmbito social e higienista que vão se consolidar principalmente a partir da segunda metade deste século. Com a mudança do regime governamental do Brasil de Colônia para Império, vemos que a realidade da população muda de acordo com o cotidiano e a adaptação a novas maneiras e costumes. O Recife, sob a influência das sociedades europeias, sobretudo a França e a Inglaterra, inicia um processo de “modernização”, que perdura por todo este século, afetando o dia a dia de toda a população, no qual a elite passa a buscar um novo modelo de sociedade. Essa procura também afeta o contexto do consumo das bebidas alcoólicas, que vai passar por inúmeras imposições em sua prática, ditada pela elite. Com isso, a partir dos estudos bibliográficos acerca da cidade, as fontes históricas escritas, e dos fragmentos de garrafas e garrafas inteiras de vidro (cultura material) proveniente das escavações arqueológicas do Sítio Arqueológico do Pilar, no Bairro do Recife, baseamos nossa análise para compreender um pouco mais a história da sociedade recifense a partir de seu cotidiano, através de uma visão cultural e social.

Palavras-chave: Bebidas Alcoólicas, Cotidiano, Recife, Século XIX

1 INTRODUÇÃO

De acordo com Funari, é possível compreender que a arqueologia é uma temática importante, por conta das observações socioculturais que podem ser discutidas e dialogadas com a História (Funari, 2008). O principal foco da monografia em questão, a partir da análise da cultura material, é compreender os itens relacionados à bebidas alcoólicas utilizados e produzidos pelo ser humano. O autor em seu capítulo “Os historiadores e a cultura material”, no livro organizado por Carla Pinsky “Fontes Históricas”, explica a respeito da importância da cultura material como um objeto de análise. Assim, será estudado o contexto do consumo das bebidas alcoólicas no Recife Oitocentista, a partir da visão arqueológica e do entendimento do cotidiano da cidade do Recife no período estudado.

Através das fontes materiais é possível compreender os períodos e contextos das sociedades antigas que não foram documentados pela escrita. Os materiais arqueológicos também podem ser dialogados com as documentações escritas quando existentes, ou seja, são fontes que problematizam e discutem diversos assuntos. Esses assuntos estão ligados ao cotidiano, mudanças de hábitos, identidade social e cultural de um povo, assim como a presença de uma população em determinado lugar. Dessa forma, pode-se compreender a arqueologia como uma ciência e área de conhecimento que analisa os modelos de uma sociedade, sua cultura, estrutura, ações e funcionamento ao longo do tempo, não apenas como um complemento da história (Meneses, 1983, p. 103-117).

Dessa forma, os objetos de análise a serem pesquisados nesse contexto são: o cotidiano da cidade do Recife, a partir do consumo das bebidas alcoólicas, como também, o diálogo com os materiais arqueológicos recuperados nas escavações da obra do conjunto habitacional do Pilar, localizado no bairro do Recife, Recife-PE. Essa escavação faz parte de um projeto que busca reformar a estrutura urbana do bairro, através da construção de residenciais, escola e posto de saúde, por exemplo, localizados próximo à Igreja Nossa Senhora do Pilar. Os materiais encontrados, fragmentos e objetos inteiros, estão sendo higienizados e catalogados na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), através do Núcleo de Ensino e Pesquisa Arqueológica (NEPARQ).

Michel de Certeau, em seu segundo volume de “Invenção do Cotidiano”, fundamenta a teoria de se entender as práticas de se habitar uma cidade. Ou seja, é

importante observar e refletir sobre as práticas culturais dos habitantes de um lugar, sobretudo de seu bairro (Certeau, 1999, p. 5). A formação de uma população na cidade, em seu contexto urbano, faz com que o cotidiano tenha inúmeras formas de se desenvolver em uma sociedade. Dessa forma, o autor observa elementos que evidenciam a importância de se estudar sobre o cotidiano como o comportamento das pessoas em seu espaço social.

De Certeau também afirma que é a prática que determina a identidade de um indivíduo ou um grupo, e é essa característica que ocupa o espaço na sociedade e forma o cotidiano das pessoas. Assim, esse estudo também é fundamental para que se possa compreender a história de um bairro, bem como as práticas presentes em uma cidade. O autor também discute em sua obra as práticas de alimentação nesses espaços urbanos, tanto de comida, quanto de bebidas. Assim, a partir da análise do autor, é possível refletir acerca das práticas do consumo no Recife, onde essa sociedade urbanizada começa a passar por mudanças de acordo com o que é imposto no cotidiano.

O recorte temporal deste estudo é o século XIX, especificamente entre os anos 1850 e 1880, quando a cidade do Recife passava por transformações estruturais, na própria cidade como um todo, como também em seus costumes e práticas. Uma das principais justificativas para esse recorte temporal é o período no qual os materiais de vidro presentes no laboratório são encontrados, o que pode variar, mas que estão presentes no contexto de datação das garrafas. Essas mudanças passaram a ocorrer desde a primeira metade do século, graças à busca da elite de tornar a sociedade civilizada, a partir de uma visão europeia. Isso é observado no livro organizado por Wellington Barbosa da Silva “O Recife no Século XIX”, que introduz o contexto da cidade a partir de sua formação, sobretudo na arquitetura e no cotidiano, que baseia sua construção por influência da Inglaterra e da França.

Esse período é marcado por uma necessidade de modernizar e mudar a sociedade, o que fez com que surgisse um discurso médico higienista, que buscava combater a vadiagem e ociosidade, sobretudo o alcoolismo. Assim, os médicos passam a apresentar posturas de controle social, para que a insalubridade diminuísse na cidade. Esse discurso não só buscava o combate contra o alcoolismo, como também procurava combater doenças que amedrontavam a população no

período, como observado por Maria Ângela Souza em sua obra “Posturas do Recife Imperial”. Dessa forma, passa-se a serem impostas recomendações e proibições que vão influenciar na formação da sociedade recifense, principalmente através das imposições realizadas pela elite nesse período, que, no contexto deste trabalho, terá o foco na circulação e consumo das bebidas alcoólicas.

A necessidade de se estudar esse contexto se dá através da compreensão do cotidiano da cidade do Recife, e sua importância sociocultural. Através dos estudos como o de Wellington Barbosa da Silva, já mencionado anteriormente, e Sandro Vasconcelos da Silva, que debate os costumes do Recife no século XIX, é possível discutir acerca do contexto dessa sociedade. Além disso, é de suma importância, para esta monografia, que haja o diálogo com a arqueologia, na qual se podem analisar os estudos de Funari e também a metodologia de diálogo e análise entre a historiografia e arqueologia apresentadas por Paulo Alexandra da Graça Santos. Assim, é possível que haja um debate acerca das práticas que eram realizadas pela cidade do Recife.

A cultura material é importante nesse diálogo para que se compreenda os processos histórico-culturais, que pode representar o passado, a partir da análise das documentações e as evidências do comportamento humano (Azevedo Netto; Souza, 2010, p. 62-76). Wellington Silva também discute o discurso apresentado pela chamada “medicina social”, no qual os médicos se aproveitavam de sua formação para impor leis contra o consumo das bebidas alcoólicas e normas que impediam o acesso de pessoas bêbadas ou alcoólatras nos estabelecimentos.

Portanto, assim como é abordado por Azevedo Netto e Amilton Souza, é importante o estudo das fontes materiais, juntamente com o diálogo entre as fontes escritas, para que possamos dar voz às pessoas comuns. Ou seja, o foco desta monografia não se trata apenas de reafirmar o discurso imposto pela elite, mas sim mostrar as práticas do cotidiano, e como é essencial o estudo sobre as pessoas que não tiveram tanto destaque na história, mas que fizeram parte da formação de uma determinada sociedade.

A cultura material, como já observado pelos autores citados¹, é bastante importante para a compreensão dos contextos histórico-culturais, o que torna a análise das fontes históricas essenciais para se refletir sobre o cotidiano. Por isso se faz importante o estudo da cultura material para que se compreendam essas práticas, de um povo anônimo, que viviam como pessoas de seu tempo, e que faziam parte do meio em que interagiam.

A sociedade no século XIX passava por um período de inúmeras mudanças, como já mencionado anteriormente, e dentre elas estava a busca de melhorias na estrutura das cidades, e a busca por práticas e costumes considerados “civilizados”, com base nas cidades da Europa. Com isso busca-se observar as críticas, proibições e recomendações com relação à prática do consumo das bebidas alcoólicas a partir do recorte já mencionado. Dessa forma, Silva² comenta em seus estudos que a sociedade oitocentista passava a desenvolver melhorias materiais para formas a estrutura da cidade do Recife, principalmente com base em Londres e Paris.

A elite médica da cidade, que também costumava estar ligada à política, buscava, além dessas melhorias nas construções da cidade, mudar as práticas e costumes do cotidiano. O consumo das bebidas alcoólicas entra nesse processo de mudança através de proibições e recomendações, em sua maioria, vindo da parte médica. Então, logo no início do século XIX podem ser observadas fontes que evidenciam a busca por essas alterações no âmbito social, como a publicação do *Código do bom-tom ou regras da civilidade e de viver bem no XIXº século*, de José Ignácio Roquette. Esse livro possui comentários sobre a forma no qual os homens e mulheres deveriam se portar dentro da sociedade, através de referências dos costumes sociais franceses e ingleses em sua maioria.

Dessa forma, é possível perceber as recomendações e críticas com relação ao consumo das bebidas alcoólicas fermentadas e as espirituosas³ eram conflitantes. Andréa Souza e Silva⁴ afirma que a “medicina social” costumava criticar

¹ AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de; SOUZA, Amilton Justo de. A importância da cultura material e a arqueologia na construção da história. **História Unisinos**, São Leopoldo, n.14, v. 1, jan/abr. 2010, p. 62-76.

² SILVA, Wellington Barbosa da (org.). **O Recife no Século XIX: Outras Histórias (1830-1890)**. Jundiá: Paco, 2018.

³ Essas bebidas eram aquelas que tinham um teor alcoólico de 40% a 60%, sobretudo a aguardente.

⁴ Idem.

o consumo das bebidas espirituosas, onde a busca pela sociedade “civilizada” também estava atrelada ao modo de ser visto nos lugares públicos. Entretanto, já no contexto da escavação, foram encontrados inúmeros fragmentos e garrafas inteiras de bebidas alcoólicas, o que evidencia uma sociedade que consumia muito essas bebidas. Isso pode ser observado pelo sítio do Pilar ser localizado no istmo da cidade do Recife, ou seja, onde a cidade passa pelo seu processo inicial de urbanização, além de ser uma região portuária e de comércio. Dentre essas fontes, também são observados relatos de cronistas que viajaram pelo Brasil durante o século XIX, e relataram em seus diários as suas visitas ao Recife, e como eram as suas vivências dentro da cidade.

O foco principal de análise dos materiais recuperados na escavação do sítio do Pilar serão as garrafas de vidro, devido ao seu grande valor quantitativo, porém, se trata de uma análise qualitativa, e por ser o foco principal da pesquisa no âmbito da temática em questão. Essa análise será feita a partir da definição e proposição de uma cronologia relativa dos vestígios, a identificação dos fabricantes a partir das marcas observadas e o diálogo entre as documentações escritas com as documentações materiais.

Através do guia de datação de garrafas, de Newman, como também de um conjunto de estudos que serão discutidos ao longo do trabalho, é possível perceber o período aproximado da circulação dessas garrafas, sobretudo a partir de sua materialidade. Isso contribui para que se identifique de que forma a garrafa foi feita, além de ser importante que se haja uma análise muito cuidadosa de cada material e suas condições, pois cada fragmento possui sua característica a ser estudada. Essa análise é essencial para que seja possível compreender a arqueologia como uma fonte importante para a historiografia, além de compreender de que se trata de uma ciência humana (Meneses, 1983).

A partir disso, busca-se compreender essa história social do Recife, a partir dos diálogos entre os vestígios arqueológicos, os documentos escritos, como relatos de cronistas e manuais de posturas, e a bibliografia analisada. Assim, é possível observar como a elite impôs um modo de se comportar no cotidiano, sobretudo no contexto do consumo das bebidas no século XIX, a repressão e as recomendações sociais que se tinham nessa sociedade. Essa análise também é realizada através da identificação dos fabricantes de garrafas de bebidas, a partir de marcas e

fragmentos analisados em laboratório, sobretudo as garrafas de vidro, e a relação entre as fontes escritas e materiais que foram estudados. É necessário que esse estudo seja realizado para que se tenha uma noção de quais mercadorias circulavam pelo Recife, quem as consumia e qual o contexto em que elas estão inseridas.

2 O CONTEXTO ARQUEOLÓGICO DO SÍTIO DO PILAR

A partir do levantamento quantitativo da cultura material encontrado no acervo do Neparq⁵, é possível analisar o objeto de pesquisa do trabalho em questão, que nesse caso são as garrafas e fragmentos de vidro. No contexto do sítio arqueológico do Pilar, há uma grande variedade de materiais, como fragmentos de louça, faiança, porcelana, vidro, grés, cerâmica, ossos, dentre vários outros, e cada um com sua especificidade. Dentre os materiais de vidro são encontrados frascos de remédio, garrafas de bebidas e inúmeros fragmentos com diferentes características. No caso das garrafas de bebidas alcoólicas, são analisados gargalos, bases, marcas de fabricação e de fabricantes, que dialogam com o contexto do consumo no século XIX.

Inicialmente são analisadas as bases de garrafas de vidro, onde, busca-se identificar os fabricantes das bebidas, de onde elas vieram, e em qual período elas circulavam. A partir dessa análise, é possível identificar qual período presente no contexto da circulação e utilização desses materiais. Além de identificar os fabricantes, também é importante compreender uma possível cronologia para essas garrafas, para que seja possível localizar o período no qual elas estavam sendo produzidas e o contexto em que estão inseridas. É importante ressaltar que cada um desses materiais possui sua história, sendo essencial a cautela para observar o local onde eles foram encontrados. Assim, é possível compreender essa cultura material a partir dessas condições, pelo que os indivíduos produziam e utilizavam no tempo em que viviam (Funari, 2008).

Entretanto, para que se possa compreender o contexto do Recife nesse período, também é de suma importância contextualizar o local de onde esses materiais citados são encontrados e a importância da arqueologia para o trabalho

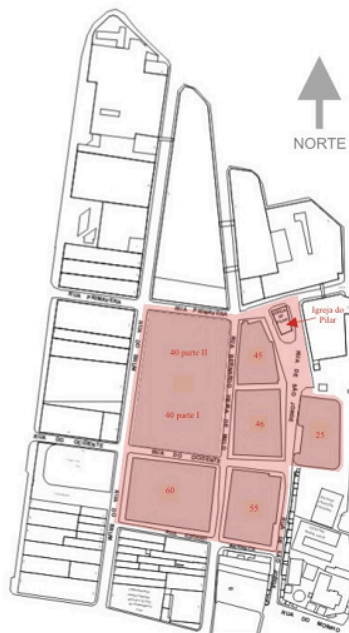
⁵ Localizado na Universidade Federal Rural de Pernambuco, coordenado pelas professoras doutoras Suely Luna, Ana Nascimento e Caroline Borges.

em questão. Inicialmente, é importante observar o sítio do Pilar, onde o espaço é escavado de acordo com as quadras que demarcam a localidade. O lugar fica localizado próximo à antiga Fábrica de Biscoitos Pilar, onde também se encontra a Igreja Nossa Senhora do Pilar. Esse sítio é escavado pela equipe do Neparq desde 2016, que já recuperou inúmeros tipos de materiais, como os já citados anteriormente. Essa grande massa de materiais arqueológicos faz parte de um cotidiano, desde a formação da cidade do Recife, até os dias presentes.

Até então foram escavadas as Quadras: 40; 45; 46; 25 e 55; onde foram encontrados os vestígios estudados. Esses objetos apresentam diferentes formas e histórias, o que discute um cotidiano que buscava uma sociedade “civilizada”, no ponto de vista da elite, dos médicos e políticos que tecnicamente mandavam na forma de se portar em público.

Figura 01 – Área de localização das quadras do sítio do Pilar.

Área de Intervenção
 Quadras 40 parte I, 40 parte II, 60, 45, 46, 25 e 55 e pátio da Igreja do Pilar
 Fonte: Trecho de Unibase modificado (PCR).



Fonte: Termo de referência para contratação de serviços técnicos especializados de arqueologia, visando dar continuidade aos trabalhos já executados na área reservada ao Habitacional do Pilar – Bairro do Recife, URB Recife, 2015, p.03;

Lêda Giustina⁶ apresenta em seu trabalho, o contexto da conservação do patrimônio no Pilar, com o foco na Igreja do Pilar e a urbanização do Recife. De acordo com a autora

O conceito de valor assume uma imensa variedade de significados, em diferentes áreas do conhecimento, o que torna tarefa complexa e incompleta adotar uma única abordagem sobre valor. Mesmo porque o significado da palavra valor, quando inserida nos mais diferentes tempos e espaços, varia entre indivíduos, grupos sociais e sociedades. Entretanto um ponto comum colocado como referência básica, é aquele que considera imprescindível a existência de sujeitos e objetos para que o valor se manifeste (Giustina, 2010, p. 26).

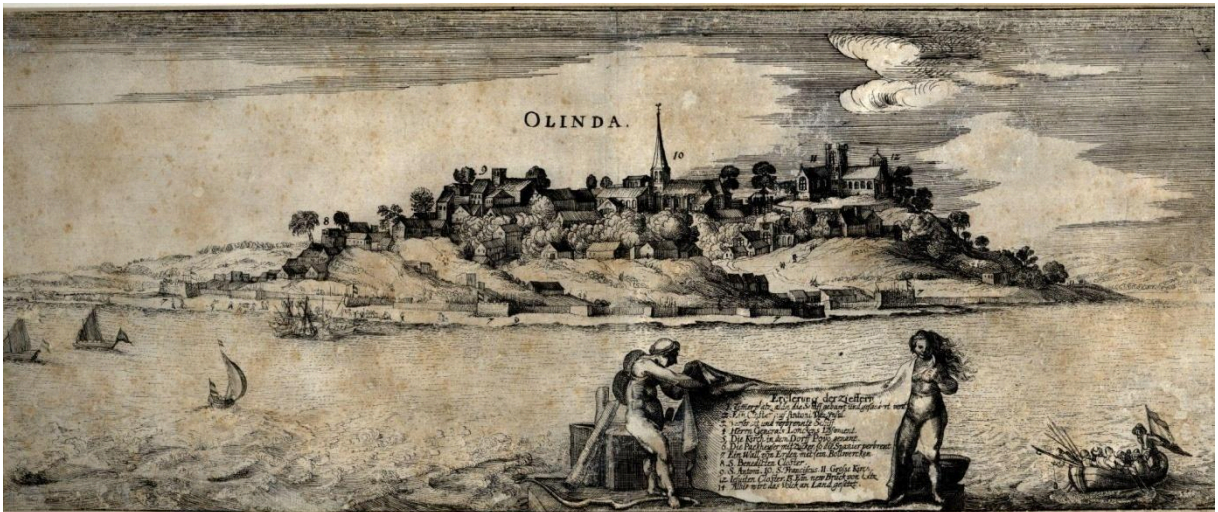
Ou seja, é importante tratar dos objetos analisados, além de todo o contexto presente na escavação arqueológica, de forma respeitosa e cuidadosa. Isso porque cada um dos fragmentos possuem um significado subjetivo, foi consumido ou utilizado por alguém, e fazia parte do cotidiano de alguma pessoa. Além disso, o próprio contexto arqueológico faz parte do cotidiano da cidade do Recife e das pessoas inseridas nele, seja a própria relação dos trabalhadores de campo e laboratório, como também a própria comunidade em seu entorno. Isto é, tratar de cultura material e arqueologia não se resume em apenas observar as técnicas presentes no material recuperado e utilizá-lo como complemento, mas entender sua complexidade e razão para sua presença naquele contexto.

Rosangela Bezerra Alves, em sua dissertação⁷, comenta sobre o início da ocupação da região da Quadra 55, na região da Rua de São Jorge, a partir do istmo e a proteção dos arrecifes. De acordo com a autora, após os holandeses serem expulsos, em 1654, foi construída a capela em favor da Nossa Senhora do Pilar, na localização das ruínas do forte de São Jorge. Sua construção foi realizada no final do século XVII, como pode ser observada na gravura abaixo (Figura 02), que apresenta a paisagem de Recife e Olinda no período das ocupações holandesas.

⁶ Bernardi Della Giustina, Lêda; de Albuquerque Lapa, Tomás. **O pilar que ficou**: um estudo de conservação em bens patrimoniais a partir do conceito de valor: o caso da Igreja do Pilar do Recife. 2010. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

⁷ Dissertação de mestrado: Primeiras ocupações residenciais da Rua de São Jorge no Bairro do Recife: um estudo das estruturas arqueológicas da Quadra 55 na área do Pilar, Recife-PE.

Figura 02 – Paisagem de Olinda⁸



Fonte: Museu do Estado de Pernambuco/FUNDARPE, 2024

Figura 03 – Paisagem “Olinda de Pernambuco”⁹



Fonte: Museu do Estado de Pernambuco/FUNDARPE, 2024

⁸ Essa imagem contextualiza a gravura citada em questão, que apresenta as ocupações humanas em Pernambuco, no período citado.

⁹ Continuação da paisagem, que destaca a ocupação de Recife, e também a localização do forte de São Jorge, onde o espaço vai passar por inúmeras mudanças, até a construção da Igreja em suas ruínas. Isso reforça a presença da atual comunidade do Pilar em um espaço que passou por inúmeros eventos desde o período da construção do forte.

Figura 04 – Forte de São Jorge



Fonte: Museu do Estado de Pernambuco/FUNDARPE, 2024

As imagens apresentadas são de autoria desconhecida, datada também no período do século XVII, em 1630, que destacam uma visão panorâmica de Recife e Olinda. Essa obra faz parte do acervo do Museu do Estado de Pernambuco (MEPE), através de uma transferência do Palácio do Governo de Pernambuco, em 1938. O panorama em questão é formado por duas gravuras, que, respectivamente, representam um ataque a ambos os lugares citados. As gravuras estão unidas, para que completem a paisagem, onde pode ser observado o istmo e, no centro, a localização do forte de São Jorge.

Assim, pode-se compreender a região na qual é escavado o sítio do Pilar, bem como a presença de uma população anterior ao século XIX, que perdura até a atualidade. Entretanto, para o foco deste trabalho, o importante a se observar nesse contexto é que a partir desse período começam as construções, ocupações e demolições ao longo da formação da vila do Recife e, posteriormente, da cidade. Assim, é possível observar a diversidade de fragmentos arqueológicos que demarcam todo um bairro.

De acordo com Rosângela Alves

Esta área, abandonada por muitos anos, passou a ser alvo de projetos de requalificação pela prefeitura da cidade do Recife. Em 2002 começou a ser elaborado um plano de requalificação do espaço, denominado Projeto de Requalificação Urbanística e Inclusão Social da comunidade do Pilar, visando a reurbanização daquela área, que tem um dos menores IDHs da cidade, disponibilizando infra-estrutura física e social necessária, para a comunidade, com a construção de habitacionais, escola, posto de saúde e um mercado público.

Este projeto foi implantado numa área de 32.880 m² englobando seis quadras (Q. 40 I e II, Q. 60, Q. 55, Q.45, Q. 25), entre as Ruas do Brum, Primavera, de São Jorge e Edgar Werneck (Alves, 2016, p. 43).

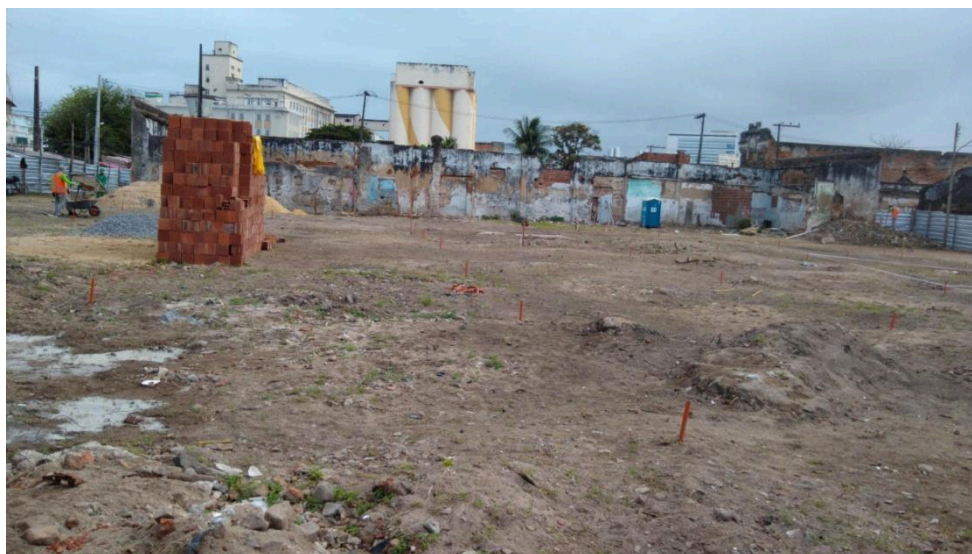
Ou seja, se trata de um projeto de requalificação, organizado pela prefeitura, e há muito o que se fazer para a conclusão dessa escavação, que já havia se iniciado antes do laboratório da UFRPE dar continuidade. Esse projeto é de suma importância para compreender a importância da arqueologia, para o cotidiano do Recife, quanto para valorizar a população que se encontra nesse espaço. Dessa forma, a escavação continua em seus processos até a atualidade, onde já foram realizadas inúmeras obras civis, como parte do Conjunto Habitacional, a escola, o posto de saúde e uma praça, por exemplo.

Entretanto, além da própria construção da prefeitura, a comunidade local ainda depende que o sítio seja escavado, para que sejam construídos novos edifícios. Isso se deve ao fato de se tratar de um espaço que conta o início da história do Recife e por ser no antigo do istmo, que ligava Recife e Olinda, além da diversidade de temas e debates que podem ser gerados. A discussão acerca da pesquisa se dá início a partir da identificação inicial dos materiais, ou seja, os detalhes em que são observados desde o primeiro contato já no sítio arqueológico.

Desde o estudo das fontes históricas até o cotidiano presente na escavação, tudo que se percebe ao longo desse processo tem sua devida relevância. A presença da comunidade no local já é algo que evidencia a ocupação na região desde o processo de formação da cidade, como já observado. No momento, não é o foco do trabalho em questão detalhar todos os processos de uma escavação arqueológica, mas explicar a importância desses trabalhos é essencial para compreender o primeiro contato entre o pesquisador e os materiais de pesquisa.

Segue abaixo figuras que contextualizam o trabalho de campo, na escavação do sítio do Pilar, que determinam o processo das quadras do sítio e a presença da Igreja na região:

Figura 05 – Fase inicial de escavação da quadra 46



Fonte: Compilação do Autor, 2019

Figura 06 – Área do sítio com vista para a Igreja de Nossa Senhora do Pilar



Fonte: Compilação do Autor, 2019

Figura 07 – Processo de escavar e peneirar os materiais encontrados



Fonte: Compilação do Laboratório, 2019

Figura 08 – Demarcação das Quadrículas e identificação do espaço em escavação¹⁰



Fonte: Compilação do Laboratório, 2019

¹⁰ A partir da escavação dessas quadrículas é possível localizar tanto os materiais arqueológicos, como a própria estrutura do espaço do Pilar, como também a possível localização do Forte de São Jorge.

Figura 09 – Processo de Identificação e Triagem dos fragmentos arqueológicos



Fonte: Compilação do Laboratório, 2019

Figura 10 – Garrafas de Bebidas encontradas na Quadra 46¹¹



Fonte: Compilação do Laboratório, 2019

¹¹ Essas garrafas passam por todos os processos já citados, e são analisadas no processo da pesquisa arqueológica.

Esses processos da escavação são essenciais para que os materiais sejam localizados e analisados. O trabalho em questão possui uma metodologia de analisar a materialidade do objeto a partir de cada característica observada nos fragmentos. Com isso, é possível analisar tanto os materiais inteiros, como também os fragmentos, que possuem características que destacam alguma especificidade ou até a datação do material.

A partir desse contexto que se pode observar também o Recife oitocentista, além de buscar localizar os materiais que estão presentes no contexto do século XIX. Dessa forma, é importante que haja um debate sobre uma sociedade extremamente consumista, e assim, discutir acerca da presença da grande massa de garrafas de bebidas encontradas. Assim, é possível relacionar o contexto historiográfico e o arqueológico, visto que são muito importantes para melhor compreensão sobre nossa sociedade.

3 O COTIDIANO DO RECIFE OITOCENTISTA A PARTIR DO CONSUMO DAS BEBIDAS ALCOÓLICAS

Como mencionado anteriormente, a cidade do Recife buscava se modernizar a partir dos padrões do estilo de vida europeu. Assim, a partir da busca da elite local por uma sociedade “modernizada”, passam a ser analisadas diferentes formas de se modificar os costumes da população. Sandro Vasconcelos da Silva¹² afirma que as construções realizadas na cidade, para que se houvesse uma estrutura para o cotidiano “moderno” visado pela elite, fizeram com que as mudanças dentro desses espaços também ocorressem. Ou seja, os hábitos antigos passaram a ser substituídos com o passar do tempo, o que indica essa busca por uma sociedade dita civilizada.

O autor comenta que entre 1830 e 1850, o Recife teve um grande crescimento econômico com relação ao comércio, sobretudo graças às exportações de açúcar nesse período. Entretanto, a economia local passa a declinar após esse momento, devido a epidemias, conflitos externos, redução das exportações e o aumento do preço das mercadorias. Assim, custava muito caro se manter no Recife, o que iria influenciar nessa sociedade “civilizada”, na qual a elite buscava transformar, porque havia uma grande desigualdade com relação ao modo de vida da população recifense. Dentre as características presentes no processo de modernização estava o consumo, no qual Silva afirma que seu foco estava em suprir as necessidades do cotidiano.

Assim, surge a necessidade de se compreender o que os indivíduos vão consumir, em que situação, e como irão consumir, nesse caso, com relação às bebidas alcoólicas. Dessa forma, sobretudo após o rompimento do Pacto Colonial e a abertura dos portos, em 1808 (Santos, 2005), um dos fatores que mais vão levar a influência dos costumes europeus para o Recife é a importação de mercadorias, especialmente vindas da Inglaterra e da França, e de seu grande espaço no comércio. Com isso, a partir da observação dos projetos de modernização dessa sociedade no Recife, é possível notar que a origem dessa mercadoria já iria influenciar em seu consumo e na valorização do produto como um todo.

¹² SILVA, Sandro Vasconcelos da. **O Costume da praça vai à casa: as transformações urbanas e suas influências sobre os costumes da classe burguesa do Recife oitocentista (1830 - 1880)**. 2011. 198 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.

Ou seja, uma garrafa de vinho ou cerveja de origem francesa ou inglesa, por exemplo, já estava associada a um item de alta qualidade, devido a esses reflexos construídos desde o fim do Pacto Colonial. Isso fez com que o Brasil abrisse oportunidades para que o comércio de importação e exportação de produtos não se limitasse apenas a Portugal (Silva, 2011). Então, uma grande massa de produtos será importada para o Recife, o que pode ser observado em laboratório, ao analisar garrafas e fragmentos de origem europeia.

Como já mencionado, é importante enfatizar que a França e a Inglaterra são as principais referências para esse processo “civilizatório” da cidade do Recife devido a influência da Revolução Francesa e Revolução Industrial (Silva, 2018). Essas revoluções impactaram no desenvolvimento da indústria na Europa, o que acarretou a imensidade de materiais produzidos para serem comercializados. A partir da importação desses produtos, Sandro Vasconcelos da Silva afirma que os comerciantes adquiriram diferentes estratégias para também aumentar suas vendas, com a aceitação desses produtos de fora do Brasil. Isso se reflete no que se encontra na escavação do sítio do Pilar, a diversidade de fragmentos de vidro que são encontrados no catálogo da Reserva Técnica, além de todos os outros materiais ainda em processo de triagem, higienização e catalogação.

Uma fonte importante para compreender como o que significava “ser civilizado” no século XIX é a obra de José Ignacio Roquette¹³. De acordo com Wellington Silva, a obra tinha como objetivo controlar as ações consideradas “selvagens”, além de apresentar normas e posturas de como se comportar bem em diferentes tipos de lugares, sempre a partir do modelo de sociedade europeia, nas palavras do Roquette “[...] só vos darei as regras do bom tom e da civilidade actualmente seguidas em quasi toda a Europa [...]”. A obra se divide em dois momentos distintos: como os homens deveriam se portar diante do contexto em que se vive, e como as mulheres devem agir diante de situações iguais, ou similares, através de sua carta endereçada aos seus filhos fictícios Theophilo e Eugênia.

Um exemplo de consumo, ou uso, de bebidas alcoólicas citado por Roquette em sua carta para Theophilo, referente a como se portar diante de um batizado, é o vinho, que deveria ser utilizado como um tipo de presente, dado pela madrinha ou

¹³ ROQUETTE, J. I. **Código do Bom-Tom ou Regras da civilidade e de bem viver no XIXº século**. Organização: Lília Moritz Schwarcz. – São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

padrinho. A bebida deveria ser entregue às famílias relativamente mais pobres, nas igrejas, como uma forma de presente para a mãe da criança que estava sendo batizada. O autor volta a mencionar uma prática de como ser civilizado em relação ao vinho ao tratar das assembleias, onde, nos banquetes, as senhoras deveriam ser servidas com delicadeza.

Isso deveria ser feito para que não se quebrasse nenhum copo ou vaso, e também para não derramar a bebida na mesa, o que o autor afirma ser “pouca pratica da sociedade, ou estonteamento da cabeça”. Dessa forma, a delicadeza na qual se expressava o consumo do vinho se reflete nos costumes do cotidiano europeu. Assim, o cuidado com o consumo do vinho diante de uma mesa posta pela elite, em um banquete, reunião ou evento importante era essencial para que um indivíduo fosse visto como civilizado.

A partir dessa análise, é possível observar para quem Roquette direciona seu manual de normas de civilidade, uma vez que o vinho é citado no batizado caso a pessoa que presenteie alguém seja rica. Já no contexto dos jantares, percebe-se, através da descrição do autor, que se tratava de encontros que envolviam a elite como um todo, ou seja, o vinho era um elemento que sinalizava essa modernização e “civilidade” nas interações sociais. Já com relação a esses jantares e banquetes de fato, o autor chama atenção para o tipo de vinho comumente consumido nesse tipo de encontro, sendo o vinho de Champanha e o vinho de Bordeaux.

Os recipientes ou fragmentos das garrafas são constantemente encontrados e recuperados na escavação do Pilar, o que pode ser um reflexo desse consumo. São analisadas garrafas que poderiam ser utilizadas para o consumo do vinho e da cerveja principalmente. Além disso, o autor afirma ao seu “filho” que ele não deve beber demais, além de ser importante consumir apenas um tipo de vinho. Entretanto, para sua filha, Roquette a recomenda que não beba vinho nenhum até os quarenta anos, com exceção de alguma recomendação médica. Assim, se justifica a forma no qual se divide seu livro, que também vai determinar as formas do homem e da mulher serem civilizados, que seriam muitas vezes distintas uma da outra.

O combate médico em detrimento ao alcoolismo também estava presente no século XIX, e os médicos passaram a combater algumas práticas sociais consideradas prejudiciais à saúde. Assim, eles passam a recomendar determinadas

formas de se consumir as bebidas alcoólicas, seja a partir de recomendações do uso, como já visto anteriormente, ou por proibições (Eugênio, 2018). Com isso, o alcoolismo passou a ser visto como uma doença social e um problema de saúde a ser combatido para que a sociedade se desenvolvesse.

Porém, o foco desse discurso médico se pautava em criminalizar o consumo das bebidas espirituosas, ou seja, aquelas que tivessem um teor alcoólico de 40% a 60%, sobretudo a aguardente. Já com relação ao consumo das bebidas fermentadas, principalmente o vinho, como discutido por Roquette, não havia uma proibição. Nesse caso, esse tipo de consumo era considerado uma forma de tratamento medicinal, que tinha como objetivo o cuidado com o corpo e uma prática que auxiliaria o humor dos indivíduos.

Roquette destaca os diferentes tipos de copos e taças que devem estar acompanhados no banquete para cada tipo de vinho que deveria ser servido, no qual um cálice grande seria utilizado para o vinho mais “comum”. Já um outro pequeno serviria para o vinho da Madeira, assim como mais um para o de Bordeaux, e outro específico para o de Champanha. O autor também cita outro tipo de ocasião, na qual cada pessoa no jantar possui uma taça de cristal de fundo largo, e meia taça com água, para que os convidados possam passar água no copo para trocar de vinho.

É importante observar os detalhes com relação ao que teoricamente deveria ser realizado com relação ao consumo dessa bebida, pois é possível realizar um comparativo com relação à forma como eram consumidas as bebidas fermentadas e as espirituosas. Isso mostra que de fato existia uma maior preocupação com o consumo do vinho, devido ao modelo de sociedade, que buscava se basear nessas práticas do cotidiano europeu, sobretudo o francês, nesse sentido. Já o consumo das bebidas destiladas – as chamadas espirituosas – não se tinha essa preocupação de recomendação de consumo, apenas proibição, por ser um reflexo de ociosidade, para a elite.

Também é essencial enfatizar que esses jantares e banquetes eram realizados pela elite, e para a elite, ou seja, o único momento no qual o autor cita a utilização das garrafas de vinho com outra pessoa que não fosse o convidado do evento é quando os escravizados servem o vinho. Isto é, “O criado que traz as duas garrafas na mão, com seu competente letreiro, pergunta a cada conviva de qual

d’elles quer, e faz a volta da mesa a miúdo”, o que evidencia que o discurso médico não proibia o consumo do vinho, por exemplo, pelo fato de não ser uma bebida facilmente acessível pela classe trabalhadora, diferente das bebidas destiladas.

Então, no fim de sua obra, em sua carta direcionada exclusivamente a Theophilo, Roquette recomenda ao seu filho fictício que não frequente muitos clubes, lojas de bebidas e outros lugares públicos. O autor afirma que as pessoas menos perigosas que ele encontrará nesses lugares são os policiais, que são péssima companhia, mas que mantêm a tranquilidade pública¹⁴. A partir disso, pode-se refletir que, além de serem lugares frequentados por trabalhadores, que consumiam bebidas espirituosas, também se reflete na prática de manter a cidade organizada, o que incluía proibir o consumo dessas bebidas e a ociosidade (Silva, 2018).

Assim, outro principal elemento a ser observado no *Código do Bom-Tom* é essa divergência entre o consumo do vinho e da aguardente, como já discutido anteriormente. Com base no que se observa do discurso médico no século XIX, há um fator de recomendação e moderação do consumo do vinho, que seria a principal bebida dessa elite. Entretanto, é possível observar um preconceito e proibição em detrimento ao consumo da bebida espirituosa, o que enfatiza essa perseguição e busca por uma sociedade civilizada aos padrões que a elite buscava.

Com isso, a partir da discussão apresentada por Roquette, também se pode observar o relato dos cronistas que viajaram pelo Recife¹⁵. Esses viajantes descreveram as paisagens da cidade e a realidade do cotidiano em que passaram ao longo de suas viagens. Manuela Santos, em sua dissertação *RECIFE: Entre a sujeira e a falta de (com)postura 1831-1845* (2009), comenta sobre a chegada dos viajantes no Recife, que viam uma bela cidade ao se aproximar, mas quanto mais chegava perto, mais passavam a observar o estado de desgaste e desorganização do lugar. Daniel Kidder, missionário e metodista estadunidense, esteve no Brasil entre os anos de 1836 e 1837, e posteriormente retornou em 1840 e 1842, onde

¹⁴ É importante destacar que o foco do presente trabalho está ligado às questões sociais com relação às práticas do consumo das bebidas alcoólicas. Ou seja, o *Código do Bom-Tom* também discute outros temas que “contribuíram” para a modernização da sociedade brasileira oitocentista, como práticas de higiene pessoal, como se alimentar bem e formas de se falar com as pessoas, principalmente se com base na cordialidade francesa.

¹⁵ São eles: Daniel Kidder, George Gardner, Henry Koster, James Henderson, Maria Graham e Louis-François Tollenare.

escreveu *Reminiscências de Viagens e Permanências no Brasil – Províncias do Norte*.

Apesar do recorte temporal se tratar da segunda metade do século XIX, é importante também levar em consideração pessoas que estiveram presentes nesse contexto. Isso é essencial para compreender a continuidade de processos e situações em que o Recife passava ao longo dos oitocentos. Assim, esse período vai ser marcado por inúmeras mudanças que ocorrem a partir dessa necessidade de se “modernizar”, como já discutido ao longo de todo o trabalho.

Kidder passa a descrever a beleza da cidade do Recife vista de longe, mas também comenta que a grandeza dos edifícios impede que veja de fato a parte interna da cidade. Ao transitar pela província, o autor comenta sobre as estruturas de Olinda, no qual afirma terem casas que dificilmente devem ser habitadas por famílias de bom gosto. Essa característica também se estende para a compreensão sobre o Recife, visto que a busca pela modernização visava toda a sociedade. Nas palavras do autor

Ao contrário, janelas partidas, crianças despidas, numerosos botequins e toda a espécie de hábitos ociosos indicavam, sem a menor possibilidade de erro, que os moradores da cidade, principalmente os do morro, eram da pior espécie possível. [...]. (Kidder, 2008, p. 126).

Mesmo ao se tratar de Olinda, vale ressaltar que a região em que se é escavado o sítio se localiza no contexto do istmo, que é o que liga Recife e Olinda. Ou seja, mesmo que se trate de Olinda ainda se pode refletir no contexto social da província como um todo. O próprio Kidder afirma que para os estrangeiros, o Recife é geralmente conhecido pelo nome de sua província, Pernambuco. Ao levar em consideração o contexto social e a localização da população como um todo, vale destacar que, possivelmente, os botequins mencionados pelo missionário não eram frequentados pela elite local, mas que poderiam variar de lugar para lugar.

As pessoas, nesse cotidiano, dificilmente iriam consumir um vinho caro nesses locais, visto que essa bebida só foi percebida como um item de uso exclusivo dos jantares e banquetes das pessoas mais ricas. Assim, as pessoas que vinham de lugares mais desfavorecidos, possivelmente consumiriam as bebidas espirituosas, mais baratas e discriminadas. Se não fosse o caso de um escravizado ou trabalhador livre consumir esse tipo de bebida, ele estaria dentro do contexto

citado anteriormente por Roquette, de servir uma pessoa da elite com essas bebidas fermentadas.

Outro detalhe importante citado por Kidder é durante sua saída de Pernambuco, e sobre a chamada “intemperança” dos marinheiros, onde apenas um deles não foi demitido por embriaguez, que foi o primeiro oficial de bordo. Dessa forma, o autor comenta que o vinho do capitão era uma tentação muito grande para o oficial, e afirma que qualquer método de curar alguém do alcoolismo se provou ineficaz, com exceção da abstinência total. É possível notar, em suas últimas falas, a forma como as bebidas são retratadas nesse contexto em questão

Falando-se em moral, cumpre notar que o povo brasileiro, no geral, é sóbrio. Apesar de comum, no Brasil, o uso do vinho nas regiões onde se consegue obtê-lo – e de ser a cachaça a pior espécie de bebida alcoólica, tão comum como água – é muito raro encontrarem bêbedos pelas ruas, exceto nos portos de mar onde os marinheiros de fora se entregam à embriaguez. Não duvidamos que a intemperança exista tanto entre ricos como entre pobres; entretanto, será em escala tão reduzida que não há de causar os mesmos maléficos efeitos que produz em muitos outros países. (Kidder, 2008, p. 303).

Com isso, é possível observar as problemáticas presentes no cotidiano, com relação ao consumo dessas bebidas, além dos vícios e preconceitos ao tratar de qualquer grupo social que não fosse a elite, como visto no discurso médico, acerca das recomendações e proibições (Eugênio, 2018). Como já mencionado anteriormente, esse discurso médico estava presente na sociedade através de posturas. Essas posturas eram normas que ditavam como a população deveria se portar, para que se buscasse essa sociedade “civilizada” e modernizada.

Em seguida, também é possível notar alguns aspectos do discurso sobre o consumo das bebidas alcoólicas a partir dos relatos de George Gardner, botânico e médico britânico, nos períodos de 1836 a 1841¹⁶. Um dos comentários apresentados pelo cronista, com relação ao Brasil como um todo, é a respeito dos crimes, que costumam ocorrer com mais frequência nas grandes cidades. O autor afirma que isso ocorre pela maior facilidade de se obter bebidas espirituosas, o que reforça mais ainda os preconceitos em detrimento ao próprio consumo dessas bebidas, e sobre quem as consumiam.

¹⁶ GARDNER, George. **VIAGENS NO BRASIL principalmente nas províncias do norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos 1836-1841**. Brasil: Companhia Editora Nacional, 1942.

Segundo Gardner, em sua chegada ao Brasil, foi orientado que ele misturasse o vinho ou aguardente com água para beber. Isso o fez concluir que os consumidores dessas bebidas alcoólicas que se expõem ao sol, sobretudo em viagens, podem ficar vulneráveis a doenças endêmicas. Além disso, ao chegar em Pernambuco, o autor afirma ter notado que um método comum de cura era dar uma dose de aguardente para o paciente beber, com o objetivo de curar feridas. Vale lembrar que essa análise de Gardner passa a ser no âmbito da saúde e higiene por se tratar, sobretudo, de ser um médico.

De acordo com Manuela Santos (2009), Gardner não recomenda a cidade do Recife como um lugar favorável para se morar, pois as ruas eram tão sujas quanto as do Rio de Janeiro. Assim, é possível perceber as relações das práticas sociais e a estrutura do Recife ao analisar as fontes citadas, o que diverge na busca pela “modernização” da cidade, ou a dificuldade para que isso acontecesse. Esse discurso sobre a própria higiene do espaço estava ligado ao processo de busca pela modernização, visto que as proibições e posturas contra o alcoolismo também estava relacionado aos cuidados em manter a cidade “limpa” para a elite.

Henry Koster, senhor de engenho e cronista nascido de Portugal, relata suas viagens pelo nordeste do Brasil, e um dos fatores que o levam a visitar Recife em 1809 foram os comentários das pessoas em Liverpool sobre o clima e os habitantes de Pernambuco. Assim, o autor detalha em seu diário suas visitas aos jantares nos quais é convidado, onde é possível enfatizar a forma como eram representadas as pessoas que bebiam o vinho em detrimento aos consumidores de bebidas espirituosas

Muitas senhoras estavam presentes. Bebeu-se quantidades enormes de vinho, o tumulto começou e as senhoras não se moveram. Por fim, não havia ordem; as garrafas e copos foram derrubados e quebrados no arrebatamento dos brindes levantados pela prosperidade de todos os membros da família, fossem velhos ou moços [...]. (Koster, 1942, p. 50).

Um dos maiores destaques no diário de Koster é a presença de bastante vinho nos jantares em que ele participou. Isso vai de encontro com o que se discute acerca da intemperança com relação ao consumo das bebidas alcoólicas, uma vez que seu consumo em excesso é considerado um crime. Além disso, é importante destacar que isso também vai contra as práticas de “civildade” visadas pela elite, ou observadas no Código do Bom-Tom. Assim, compreende-se que quando o exagero

no consumo do vinho estava associado a um tipo de festa no Recife que não estivesse relacionado com a elite, qualquer consumo de bebidas espirituosas era reprimido.

Assim como os diários de Koster, Maria Graham, pintora, escritora e historiadora britânica, também relata o uso do vinho em festividades, nesse caso, em sua viagem entre os anos de 1821 e 1823. Segundo a autora “Vários de nossos oficiais foram a terra para juntos com os sócios do clube inglês, que se reúne uma vez por mês, comerem um jantar muito bom e beberem uma quantidade imoderada de vinho em honra da Pátria”. (Graham, 1956, p. 167). Ou seja, é possível perceber novamente, em diferentes momentos do século XIX, o conflito entre o que se buscava, e o que era praticado pela elite, relatos de práticas que tratam de diferentes momentos do século, mas que perduram ao longo do período.

Graham também relata um grupo de escravizados, que carregam um barril de vinho nas ruas do Recife, porém, posteriormente a autora corrige sua afirmação, e diz ser no Rio de Janeiro (Graham, 1965, p. 143). Porém, essa confusão em sua fala possivelmente retrata que esse tipo de cena era comum em centros urbanos. Isso novamente retoma qual era a função de um escravizado, em detrimento à elite, quando se tratava do consumo e circulação do vinho

Figura 11 – “Escravos carregando uma pipa nas ruas de Pernambuco”



Fonte: Maria Graham, 1956

Também foi analisado o relato do comerciante de algodão, francês, Tollenare, que escreve em *notas dominicaes*, suas viagens nos anos de 1816 a 1818. Um detalhe importante a ser observado em seu diário é justamente o fato de ser um comerciante francês, o que ia de encontro com seu contato com os brasileiros. O autor afirma que em suas passagens pelo Brasil, as pessoas sempre esperavam

conhecer um cientista, um engenheiro ou químico, o que divergia de sua função de trabalho. Isso se reflete no quão instaurada estava o sentimento de mudanças na sociedade durante o século XIX, na qual o Recife estava bastante incluído.

Novamente, ao comparar o discurso dos cronistas com relação aos tipos das bebidas, é possível observar a quem se refere o consumo ao tratar da aguardente, em detrimento ao vinho. Tollenare afirma que “o povo baixo bebe aguardente e acaba por brigar; por vezes trocamse facadas” (Tollenare, 1905, p. 132), o que destaca a quem se refere às proibições com relação ao consumo das bebidas alcoólicas e aos seus vícios, além de destacar a falta de qualidade da bebida espirituosa, em comparação ao vinho tão bem falado em outras ocasiões

[...] tinha havido banquetes brasileiros dos quaes se excluia o pão e o vinho da Europa; servia-se com ostentação a farinha de mandioca e a ruim aguardente nacionais; enfim, tinham sido erguidos brindes á independencia contra a tyrania real e contra os Portuguezes da Europa. (Tollenare, 1905, p. 176)

Assim, é possível compreender a forma no qual a sociedade tratava o consumo de bebidas como o vinho, como um símbolo de civilidade. Enquanto isso, o consumo da aguardente estava associado à ociosidade e intemperança, que seria o consumo em exagero. Então, nota-se para que parcela da sociedade iria se beneficiar desse discurso de modernização, que favorecia e priorizava a qualidade de vida da elite. Uma vez que os discursos higienistas, civilizatórios e modernizadores contribuía para o crescimento da elite na cidade, buscava-se ofuscar a presença das pessoas nas ruas. Os que tinham acesso aos produtos mais baratos do mercado, ainda eram oprimidos devido aos projetos que perseguiram os chamados “ociosos”.

James Henderson¹⁷, ao viajar para o Recife, comenta sobre a inúmera quantidade de portos na província, onde os principais são localizados em Catuama, Recife e Tamandaré. O autor cita Recife como uma cidade bastante larga, populosa e comercial, onde está dividida em três distritos, pelo rio Capibaribe, o Recife, Santo Antônio e Boa Vista. A partir disso, é possível observar que “*A primeira parte ou o Recife, ocupa uma península, e é o empório do comércio da cidade, as lojas dos*

¹⁷ HENDERSON, James. *A History of the Brazil; comprising its geography, commerce, colonization, aboriginal inhabitants &c, &c, &c.* London: Longman, 1821.

mercadores estão situadas nela” (Henderson, 1821, p. 380, tradução nossa)¹⁸. Ou seja, um dos detalhes que se destacam ao tratar do consumo das bebidas alcoólicas como um todo são os portos da cidade, e o comércio, principal base econômica do Recife (Bernardes, 2013).

Paulo Alexandre Santos, em sua tese de doutorado *Mensagens nas Garrafas: O prático e o simbólico no consumo de bebidas em Porto Alegre (1875-1930)*, passa a discutir sobre o comércio das bebidas no século XIX. Esse comércio era muito forte no período em questão devido ao seu engarrafamento, que facilitava o transporte e armazenamento, assim, um dos comércios que passaram a ter destaque foi o de cervejas, sobretudo o tipo *Ale*. Como é apresentado pelo autor

A importância do consumo da cerveja residia no fato de que as cervejas produzidas na época, as do tipo *Ale*, além de possibilitarem um nível desejado de embriaguez – que talvez seja a principal razão para o consumo de bebidas alcoólicas – eram também um suplemento importante para uma constante e limitada dieta. (Santos, 2009, p. 75).

Dessa forma, o autor comenta que isso, juntamente com outros processos que contribuíram para a higiene e saúde de alguns lugares, facilitaram o comércio das cervejas, por exemplo. Vale ressaltar que o Recife pautava sua economia no comércio de importação e exportação de bens, e é possível encontrar, em escavação e em laboratório, muitos gargalos de cerveja, sobretudo do final do século XIX para o início do XX. Além disso, a comercialização dessas bebidas a partir de marcas específicas contribuíram para o crescimento da reputação do fabricante, tal qual as marcas de garrafas analisadas em laboratório.

Santos também comenta que mesmo com muitos portos no Brasil estivessem fechados para estrangeiros, que não fossem portugueses, já havia a presença do comércio ilegal de cerveja nos portos do Rio de Janeiro, Salvador e Recife. Assim, o consumo da cerveja passou a fazer parte desse cotidiano a partir da primeira metade do século XIX. Assim como o vinho, por se tratar de uma bebida alcoólica fermentada, a cerveja não fazia parte do grupo de bebidas que sofriam com a perseguição dos discursos da elite, e ainda impulsionava o comércio da cidade.

Outra observação importante apontada pelo autor é com relação à falsificação das bebidas alcoólicas, no caso da cerveja, ela chegava em barricas no porto, e posteriormente eram acondicionadas em garrafas. Isso facilitava a adulteração e

¹⁸ Original: *The first part or the Recife, occupies a peninsula, and is the emporium of the town's commerce, the stores of the merchants being situated in it.*

manipulação dos produtos pelos taverneiros e intermediários (Santos, 2009, p. 80).

Assim, compreende-se que o consumo das bebidas alcoólicas e suas posturas com relação a essa prática não era unicamente da forma como deveria ser, da forma como era ditado pela elite. Ou seja, a imposição com relação às recomendações e proibições, assim como o que são encontrados em laboratório não são unicamente produtos pertencentes a uma classe social, mas sobre um conjunto de pessoas que consumiam as bebidas alcoólicas independentemente do que era imposto.

4 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

Como já mencionado anteriormente, o material de escolha para a pesquisa é o vidro, principalmente por ser um objeto em que vão predominar as marcas de fabricantes em recipientes de bebidas alcoólicas. Além disso, são realizadas identificações de detalhes na materialidade das garrafas de vidro, juntamente com catálogos, para identificar qual seria o tipo inicial de bebida que uma determinada garrafa iria servir. Esses materiais foram separados por bases, gargalos, garrafas inteiras e fragmentos que pudessem identificar alguma marca. Entretanto, antes de realizar uma análise mais específica desses materiais, é importante compreender como eles chegam no laboratório após serem recuperados na escavação.

No Neparq, o material é higienizado, assim, detalhes que antes não eram possíveis de serem observados, devido ao estado em que se encontravam na escavação, passam a se revelar. Com relação ao vidro, que se trata do objeto de estudo deste trabalho, é possível notar marcas de fabricação específica, como também seu método de produção. Além disso também se podem observar marcas de fabricantes, para que haja uma possibilidade de localizar a origem do material analisado.

Após serem higienizados, esses materiais são catalogados, ou seja, cada fragmento ou materiais inteiros recebem uma identificação, para que sejam localizados e estejam prontos para análise. Essa catalogação se inicia através da primeira etiqueta que vai identificar um conjunto de objetos, que são separados através da triagem, ainda na escavação. Essa etiqueta vai identificar aquele conjunto, separados inicialmente em sacos plásticos, na qual receberá uma numeração para que siga uma ordem de materiais separados. As informações contidas na etiqueta são: O número do conjunto, as informações da quadrícula em que foram recuperados – Sondagem, camada, nível de profundidade, decapagem e a área da quadrícula –, o tipo do material e observações a serem consideradas caso haja alguma especificidade, além da informação do próprio sítio que foi escavado.

Já a catalogação em laboratório consiste em colar pequenas etiquetas que identifiquem a numeração de um material, no qual se identifica o número do conjunto anteriormente anotado e a numeração de cada fragmento que se encontra no mesmo. Essa catalogação vale para conjuntos que contêm inúmeras quantidades de

fragmentos, ou para materiais inteiros, para que finalmente possam ser estudados pelos pesquisadores no laboratório. Após esse processo, os conjuntos de materiais são levados para a Reserva Técnica, local onde se encontram todos os materiais acondicionados e catalogados das escavações.

Nesse espaço, o material que antes foi catalogado é registrado na planilha correspondente ao sítio e a quadra em que foi recuperado. Logo, há uma planilha para cada quadra do sítio do Pilar, visto que se trata de uma escavação onde ainda são encontrados milhares de fragmentos em cada quadrícula, sendo necessária essa divisão. Após serem registrados na planilha, eles são acondicionados em caixas protegidas com plástico bolha ou *foam* – material conhecido como espuma, através da formação de muitas bolhas –. Por fim, as caixas são preenchidas por camadas de vários conjuntos de materiais, de forma que fiquem protegidos, e finalmente sejam enumeradas.

Com isso, é possível identificar a localização de um fragmento em específico, que alguém possa estar pesquisando, além de identificar todas as informações que foram anotadas em campo, ou enfatizadas no laboratório. A partir das informações detalhadas de cada etiqueta que foram mencionadas anteriormente, o pesquisador do laboratório poderá acessar com facilidade todos os detalhes iniciais de sua pesquisa. Entretanto, essa pesquisa não se trata apenas de uma análise dos objetos unicamente pelo seu contexto físico, mas também de todo o processo para que ele seja encontrado, além do próprio trabalho de campo e o contato com a comunidade.

Esses materiais se encontram em diferentes processos de análise e cuidado, e se trata de um trabalho constante, mesmo após a finalização da escavação. A higienização, como já mencionado, por exemplo, é realizada com escova e água, na maior parte dos processos, e se trata de uma ação essencial para a pesquisa da fonte. Esse momento é essencial para que sejam identificados elementos e detalhes que podem ou não serem percebidos à primeira vista, seja em campo ou em laboratório, antes dos fragmentos passarem pela higienização.

Esse processo é muito comum diante da quantidade exacerbada de fragmentos de cerâmica, louça, vidro, dentre outros que possam estar incluídos nesse contexto. Entretanto, também há higienização através de trinchas, apenas,

para ossos humanos e animais, por exemplo, ou para materiais frágeis demais para que sejam levados para água.

Após serem transferidos para o acervo do laboratório, última etapa antes do seu estudo, os materiais são acondicionados em caixas, com suas devidas etiquetas em cada fragmento. É necessário enfatizar a importância desses processos pelos quais os materiais passam para que seja valorizado cada detalhe no contexto no qual ele está inserido. Isso vale tanto em sua história em si, a característica que cada material tem em sua individualidade, como no cuidado com a identificação de cada fragmento recuperado (Santos, 2005).

Então, passa a ser realizada uma análise contínua dos materiais disponíveis para pesquisa no acervo do laboratório, desde sua datação, para que se compreenda como as garrafas de bebidas alcoólicas circulavam no século XIX, até identificações mais detalhadas. Dentre esses estudos mais detalhados, está inserida a identificação do fabricante das garrafas de vidro, para que seja possível compreender quem as estavam produzindo. Com isso, é possível compreender o seu local de origem, e, posteriormente, contextualizar as garrafas em questão, como observados alguns casos nos relatos dos cronistas anteriormente.

Alguns desses fabricantes podem não ser identificados, seja por falta de fontes que indiquem sua origem, ou por informações que possam ser conflitantes, sobretudo se a sua marca for algum símbolo que possa identificar mais de uma marca. Entretanto, ainda é possível compreender a origem de algumas garrafas pelo padrão encontrado em suas marcas de fabricação, durante o processo de formação do material e pela comparação e diálogo com a diversidade de materiais presentes para análise (Newman, 1970). Além disso, algumas bases ou gargalos de garrafas – em sua maioria as bases – contêm as marcas de fabricantes, o que auxilia a busca por catálogos e fontes que possam indicar a origem da garrafa diretamente pela indústria que as produziram (Whitten, 2004).

Essa análise não é feita unicamente para comentar sobre o próprio material arqueológico em si, mas a tratar do diálogo no qual o consumo das bebidas está inserido, seja através da característica do consumo da cidade ou pelas posturas observadas ao longo da discussão. Ela é realizada a partir da relação do contexto do Recife, das práticas do consumo, e, posteriormente, através da análise dos materiais em laboratório. Os elementos citados anteriormente não são parte de um tópico

isolado de uma pesquisa, todo o contexto em questão está presente em um diálogo que correlacionam e se justificam.

Vale ressaltar que o estudo dos fragmentos é realizado a partir dos fragmentos encontrados no catálogo do laboratório, através da observação dos fabricantes e das marcas dos fragmentos em si. Com isso, pode-se afunilar os materiais que serão estudados inicialmente, e, posteriormente, a ampliação dos estudos de acordo com o que seja necessário. Ou seja, primeiro será observada a diversidade de objetos presentes para análise, e em seguida, qual desses objetos terão sua análise realizada de forma mais ampla e contextual.

5 GARRAFAS DE BEBIDAS, ARQUEOLOGIA E A CIDADE

A partir da compreensão dessas práticas presentes na sociedade oitocentista, e que o Recife se baseava no comércio, da importação e exportação de suas mercadorias, é possível iniciar uma análise sobre a cultura material. Com isso, as garrafas de vidro de bebidas alcoólicas, que são a fonte fundamental para a pesquisa em questão, passam por uma análise, para que se compreendam os seus diferentes contextos. Desde sua localização, nesse caso, no sítio do Pilar, até a possível identificação de seu fabricante, além da datação dessas garrafas, que auxiliam na compreensão dos conteúdos que circulavam nelas, além de sua presença no cotidiano da cidade.

Dessa forma, é possível construir uma reflexão acerca das fontes analisadas, e também das que ainda serão estudadas futuramente, visto que se trata de uma escavação que ainda ocorre atualmente, e de uma pesquisa constante. Apesar das recomendações, preconceitos e proibições em detrimento ao consumo das bebidas alcoólicas, é possível observar a presença de uma grande massa de fragmentos de bebidas que refletem sobre o alcoolismo e sua relação com a população no período em questão.

A partir dos estudos de Lorrain e Jones, também é possível compreender a condição de cada material, e os possíveis métodos utilizados em sua produção. Com isso, a análise se inicia, com maior foco nas bases das garrafas de vidro, que costumam apresentar marcas em alto relevo, capazes de identificar a origem de seu fabricante. Consequentemente, caso esse fabricante seja identificado, existe a possibilidade de encontrar seu local de origem, o período temporal no qual a garrafa circulava, e até mesmo qual tipo de bebida era produzida para a garrafa em questão.

Vale ressaltar que, como Paulo Alexandre Santos já citou, essas garrafas chegavam ao porto vazias, e nos armazéns elas eram preenchidas com o seu devido líquido. Por esse motivo, elas poderiam ser utilizadas para inúmeros motivos, seja para decoração ou para engarrafar outros tipos de bebidas que não fossem alcoólicas. Dessa forma, nunca haverá uma certeza de que tipo de bebida estava presente em cada recipiente, mas é possível identificar o propósito inicial de determinada garrafa ou fabricante. Assim, em catálogos como os de David Witthen, que vai destacar as marcas de fabricantes de vidro, sobretudo símbolos encontrados

em garrafas, são observados fabricantes que produziam um recipiente de vidro com inúmeros propósitos.

Caso não seja possível a datação e análise da garrafa como um todo, seja ela com ou sem marca, são observadas bibliografias de possíveis materiais que já foram analisados. Isso ocorre com a própria pesquisa de Paulo Santos, em sua dissertação de mestrado e doutorado, que também analisa materiais no contexto da Porto Alegre oitocentista, mas que também são encontrados no Neparq. Caso não haja um catálogo específico, ainda é possível demarcar um período, ainda que seja um recorte temporal maior, através de mapas de datação de garrafas de vidro, como o *Guia de Datação para Garrafas Pós-século XVIII*¹⁹, de T. Stell Newman.

É importante enfatizar que o vidro é um material mais observado em questão devido ao seu maior quantitativo, entretanto, todos os materiais que são e serão analisados são tão importantes quanto. Através da análise da cultura material, é possível entender que cada objeto analisado possui sua característica que o torna único, e que demonstra a importância da arqueologia para o estudo da história (Meneses, 1983).

Assim, é possível realizar uma análise dos materiais que já estão presentes e disponíveis para pesquisa no acervo do laboratório. Assim, segue abaixo o contexto da análise dos materiais estudados para a monografia em questão, que fazem parte desse contexto dos materiais recuperados durante a escavação. A análise se baseia no método utilizado por Paulo Santos (2005), e que possui a descrição ou não do fabricante, a quadra de onde ele foi encontrado no Pilar, o número de seu catálogo, e a descrição sobre o objeto.

Então, o estudo desses materiais, dialogam com a forma de se contextualizar a temática do cotidiano do Recife oitocentista de forma mais ampla, além de evidenciar os discursos estudados ao longo da pesquisa. Esses estudos são interligados com a formação da comunidade do Pilar, pois se trata de um processo de trabalho que reflete na formação dessa sociedade desde a presença do forte de São Jorge, o contato da população com a Igreja e até mesmo a presença da antiga fábrica. Assim, essa pesquisa observa o cotidiano da cidade do Recife, a

¹⁹NEWMAN, T. Stell. *A Dating Key for Post-Eighteenth Century Bottles*. In: FONTANA, B. L. **Historical Archaeology** Vol. 4. New York: Springer, 1970.

contextualização da sociedade no século XIX, e a evidência do grande consumismo na sociedade desse período.

Como apresentado nos pressupostos metodológicos, a escolha desses materiais foi realizada a partir da identificação de detalhes presentes nas bases, gargalos e garrafas inteiras. As bases costumam possuir marcas de fabricantes, que podem auxiliar na identificação da origem do material estudado. Os gargalos e as garrafas inteiras podem ser analisadas a partir de sua materialidade, ou seja, na forma como o próprio material foi produzido, com o auxílio de catálogos e métodos de datação.

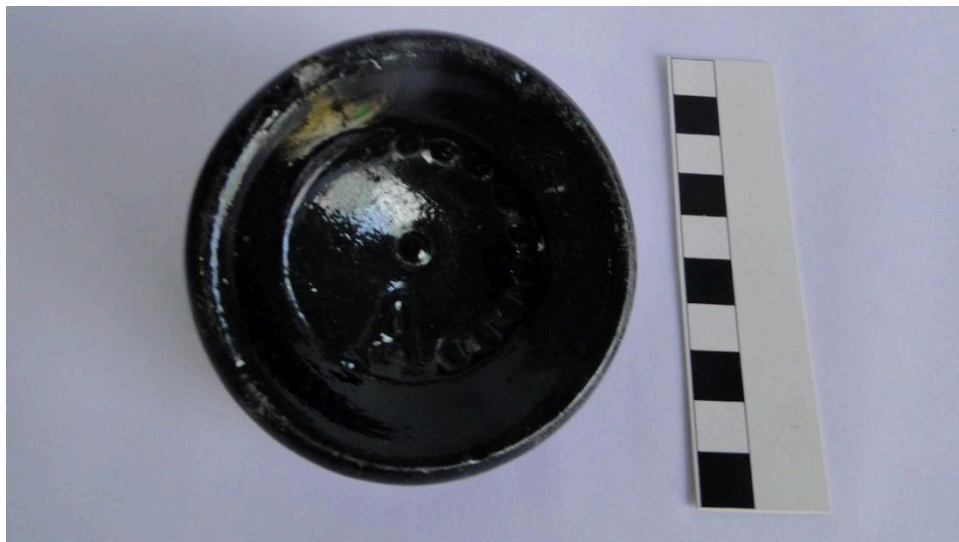
Vale ressaltar que mesmo que um fabricante seja produtor de recipientes de água mineral (Figura 19), as garrafas poderiam ser reutilizadas para o próprio consumo de bebidas alcoólicas, visto que elas costumavam chegar ao porto vazias (Santos, 2009). Assim, mesmo que originalmente fossem para o consumo de água mineral, era possível ir ao armazém com sua garrafa e preencher o recipiente com a bebida desejada. Com isso, segue abaixo o quadro de análise desses materiais que foram analisados para esta monografia:

Figura 12 – Base de Garrafa com Marca “A”

Fonte: Compilação do Autor, 2022

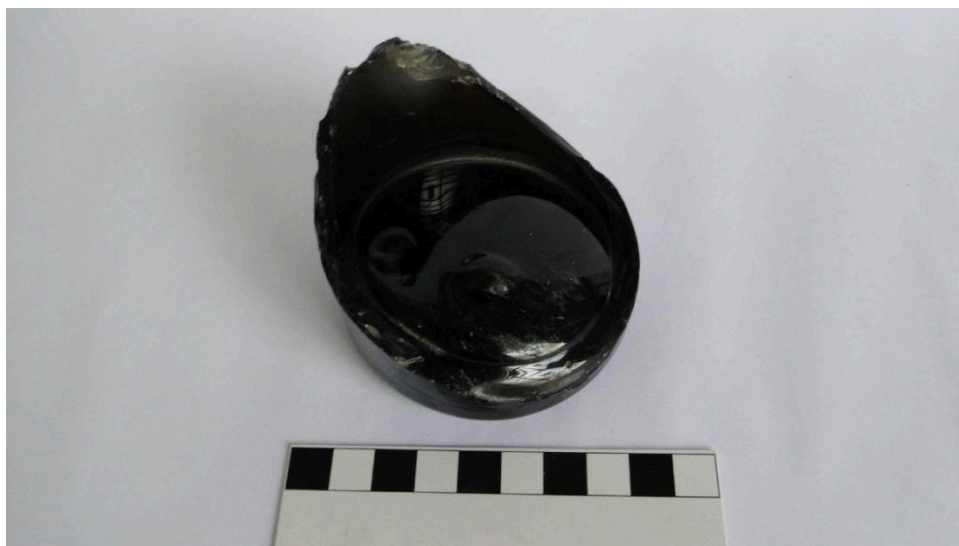
Fabricante	Marca A, remetente à Agnew & Company ou Adam & Company
Sítio	Pilar – Quadra 40
Nº de Catálogo	PL-397/11
Área	Rua Primavera
Sondagem	-
Camada	-
Decapagem	-
Nível	50-70cm
Modo de Produção	Não Identificado
Coloração	Verde Âmbar Escuro
Informações Acerca do Objeto	A abreviação dessa marca pode caracterizar diferentes fabricantes, nos quais podem estar incluídos: Agnew & Company, Pitsburgo, Pensilvânia (Datada entre 1854-1894+); Adams & Company, também(1861-1891) (Whitten, 2004).

Figura 13 – Base de Garrafa com Marca “A.....”



Fonte: Compilação do Autor, 2022

Figura 14 – Parte interna da Base da Garrafa, com a marca do Pontil na região esquerda.



Fonte: Compilação do Autor, 2022

Fabricante	Marca A..... – Fabricante não Identificado
Sítio	Pilar – Quadra 40
Nº de Catálogo	PL-397/12
Área	Rua Primavera
Sondagem	-
Camada	1
Decapagem	-
Nível	50-70cm
Modo de Produção	Pontil Danificado (<i>Rough Pontil</i>)
Coloração	Verde Âmbar Escuro
Informações Acerca do Objeto	Base de garrafa com marca "A.....", porém, o fabricante não foi identificado. Possui a característica de Pontil Danificado (<i>Rough Pontil</i>) na base, em sua região interna, e datada entre 1815 e 1885 a partir de sua cor escurecida (Newman, 1970).

Figura 15 – Base de Garrafa com a marca “AB&Co”.



Fonte: Compilação do Autor, 2022

Fabricante	Marca AB&Co – Fabricante não Identificado
Sítio	Pilar – Quadra 40
Nº de Catálogo	PL-987/97
Área	Rua Primavera
Sondagem	-
Camada	1
Decapagem	-
Nível	30cm
Modo de Produção	Não Identificado
Coloração	Verde Âmbar Escuro
Informações Acerca do Objeto	Com marca “AB&Co” inscrita em alto relevo, não se sabe qual o seu fabricante, entretanto, a coloração do vidro, verde-âmbar escuro, é característico das garrafas produzidas na Inglaterra, datadas do período de 1860 a 1900. Base de garrafa cilíndrica de cerveja ou vinho (Whitten, 2004).

Figura 16 – Base de Garrafa com marca “CW&Co”.



Fonte: Compilação do Autor, 2022

Fabricante	Marca CW&Co – Fabricante não Identificado
Sítio	Pilar – Quadra 40
Nº de Catálogo	PL-346/05
Área	Rua Primavera – Compesa
Sondagem	-
Camada	-
Decapagem	-
Nível	50cm
Modo de Produção	Molde Triplo (<i>Three-piece mold</i>)
Coloração	Verde Âmbar Escuro
Informações Acerca do Objeto	Base de garrafa com marca "CW&Co", possivelmente sendo uma garrafa de cerveja de origem britânica, normalmente produzida com o molde de triplo (<i>Three-piece mold</i>), datada entre 1865 e 1900. Esse fabricante realizou exportações para lugares como o Canal do Panamá, no Caribe e na Ásia. O fabricante não foi identificado (Whitten, 2004).

Figura 17 – Base de Garrafa com marca “Lyon & Sons”.



Fonte: Compilação do Autor, 2022

Fabricante	Marca Lyon & Sons, possivelmente James B. Lyon & Co
Sítio	Pilar – Quadra 40
Nº de Catálogo	PL-346/03
Área	Rua Primavera – Compesa
Sondagem	-
Camada	-
Decapagem	-
Nível	50cm
Modo de Produção	Não Identificado
Coloração	Verde Âmbar Escuro
Informações Acerca do Objeto	Base de garrafa com marca "Lyon & Sons" em alto relevo. Não se encontrou ao certo o fabricante exato dessa garrafa, porém, foi observado que a marca "L&C", datada de 1852-1875, onde possivelmente o fabricante fora identificado como James B. Lyon & Co. A equipe produzia as garrafas da marca citada a partir da Union Flint Glass Co. em Kensington, Filadélfia, Pensilvânia. (Lindsey, 2007). Essa observação foi apontada devido ao fato de ser a única marca onde o nome Lyon está presente.

Figura 18 – Base de Garrafa com marca “S&L.C”.



Fonte: Compilação do Autor, 2022

Fabricante	Marca S&L.C – Fabricante não Identificado
Sítio	Pilar – Quadra 40
Nº de Catálogo	PL-882/54
Área	Rua Primavera
Sondagem	-
Camada	1
Decapagem	-
Nível	50-70cm
Modo de Produção	Molde Triplo (<i>Three-piece mold</i>)
Coloração	Verde Âmbar Escuro
Informações Acerca do Objeto	Com um “S&L.C” inscrito em alto relevo, porém, não se sabe qual é o seu fabricante. Datada do período de 1850 a 1880, possivelmente de cerveja ou vinho, é uma garrafa cilíndrica feita em molde triplo (<i>Three-piece mold</i>) (Lindsey, 2007).

Figura 19 – Base de Garrafa com marca “Hunyadi Janos – Saxlehner's Bitterquelle”



Fonte: Compilação do Autor, 2023

Fabricante	Marca Hunyadi Janos – Saxlehner's Bitterquelle
Sítio	Pilar – Quadra 25
Nº de Catálogo	PL25-782/39
Área	Estacionamento da Praça
Sondagem	-1F/01
Camada	1
Decapagem	2
Nível	80cm
Modo de Produção	Possivelmente automático ou Semi-automático
Coloração	Verde Âmbar
Informações Acerca do Objeto	Fragmento de base de garrafa, no qual se fabricava água mineral, do final do século XIX e início do XX. O nome é dado em homenagem ao ex-regente do Reino da Hungria, Hunyadi Janos, por seu fundador "Andreas Saxlehner". Popularizada em muitos lugares, sobretudo nos Estados Unidos (Meyer V, 2015).

Figura 20 – Fragmento de Gargalo de Garrafa.



Fonte: Compilação do Autor, 2023

Fabricante	Sem marcas de fabricante
Sítio	Pilar – Quadra 40
Nº de Catálogo	PL-200/5
Área	Rua Primavera – Igreja Pilar
Sondagem	-
Camada	-
Decapagem	-
Nível	60cm
Modo de Produção	Sopro (<i>Mouth-blown</i>)
Coloração	Verde Âmbar Escuro
Informações Acerca do Objeto	Fragmento de Gargalo de Garrafa com finalização "Champagne", também conhecido como <i>applied ring, applied band, applied ring mouth, banded collar, cognac finish, ring-neck cider finish, string rim, laid-on ring, laid-on band, hock wine finish, flattened string rim, flat ring</i> . Possível garrafa de vinho francesa, datada entre 1880 e 1920 ²⁰ .

²⁰ A referência para informações acerca da materialidade e contexto dos acabamentos e gargalos podem ser encontradas no site da Sociedade de Arqueologia Histórica. Disponível em: <<https://sha.org/bottle/finishstyles2.htm>>

Figura 21 – Fragmento de Gargalo de Garrafa.



Fonte: Compilação do Autor, 2023

Fabricante	Sem marcas de fabricante
Sítio	Pilar – Quadra 40
Nº de Catálogo	PL-369/15
Área	Rua Primavera
Sondagem	-
Camada	-
Decapagem	-
Nível	50-70cm
Modo de Produção	Acabamento de topo (<i>lipping tool</i>)
Coloração	Verde Âmbar Escuro
Informações Acerca do Objeto	Fragmento de gargalo com terminação em dois anéis, superior arredondado e inferior reto. Muito comum em garrafas de vinho desta coloração, datada do período do Século XIX, mas sem informações muito precisas, devido à falta de informações que detalham mais o período em questão.

Figura 22 – Fragmento de Gargalo de Garrafa.



Fonte: Compilação do Autor, 2023

Fabricante	Sem marcas de fabricante
Sítio	Pilar – Quadra 25
Nº de Catálogo	PL25-782/39
Área	Estacionamento da Praça
Sondagem	-1F/01
Camada	1
Decapagem	2
Nível	80cm
Modo de Produção	Máquina Automática de Garrafa
Coloração	Verde Âmbar
Informações Acerca do Objeto	Gargalo de garrafa com terminação com dois anéis, superior reto e inferior em forma de cone, utilizado sobretudo para garrafas de vinho e cerveja (Santos, 2005). Garrafa produzida através molde de torneiar (<i>turn/paste mold</i>), datada entre os períodos de 1880 e 1920.

Figura 23 – Garrafa Inteira

Fonte: Compilação do Autor, 2023

Fabricante	Sem marcas de fabricante
Sítio	Pilar – Quadra 25
Nº de Catálogo	PL25-683/01
Área	-
Sondagem	3A-1/3A-3
Camada	2
Decapagem	2
Nível	100cm
Modo de Produção	Máquina Automática de Garrafa
Coloração	Verde Âmbar
Informações Acerca do Objeto	Garrafa Inteira, com molde de curva/colagem (<i>Turn/paste mold</i>) 1880-1920. Base com linha circular no centro da base, identificando modo de produção automático de garrafas (1903-presente) (Newman, 1970) ²¹ .

²¹ A datação desse material foi realizada através da análise do seu método de produção, que destaca técnicas que estiveram presentes no final do século XIX em diante.

6 CONCLUSÃO

Portanto, é possível compreender que há uma distinção no modo de se tratar a população a partir do discurso “civilizatório” proposto pela elite. Esse discurso está presente no modo de se construir a cidade do Recife e na forma como o povo vai se comportar. Isso inclui a própria alimentação, onde se insere o discurso acerca do consumo das bebidas alcoólicas. Como foi discutido ao longo do trabalho, esse discurso se faz contra o consumo e o alcoolismo, sobretudo ao tratar de bebidas espirituosas. Enquanto isso, o consumo de bebidas fermentadas é tratado como uma forma de também “ser civilizado” e “modernizar” a cidade para os padrões da elite.

Há uma construção nesse sentimento de mudança que perdura ao longo do século, mas, no âmbito do consumo das bebidas alcoólicas, essas mudanças são mais favoráveis para aqueles que impõem as suas regras. Ao analisar as fontes nas quais a temática está presente, pode-se observar as possíveis características dessa desigualdade no tratamento de quem consumia as bebidas através do contexto da elite, e de quem não estava inserido nesse meio. Vale ressaltar que não significava que a elite iria consumir o vinho, por exemplo, de forma adequada para seus padrões, como fora analisado nos relatos dos cronistas.

O vinho se trata, nesse período, de uma bebida que destaca esse sentimento de civilidade, e que é considerado uma bebida que faz bem tanto para a saúde física quanto para a saúde mental (Eugenio, 2018). Assim, o discurso médico acerca de seu consumo incentivava a prática da bebida em questão, que era recomendado e que faria bem para a saúde das pessoas. Beber grandes porções dessa bebida poderia ser algo inoportuno e incomum, como indicam os cronistas. Entretanto, seu consumo era considerado civilizado para essas pessoas, logo, as proibições e posturas ditadas por esse mesmo grupo não funcionavam firmemente.

Como observado, teoricamente, o vinho é uma bebida direcionada para a elite, pois em boa parte dos momentos em que são citadas a sua ingestão em ocasiões diferentes são quando os escravizados deveriam servir a garrafa da bebida para seus senhores. Ou seja, o contato do escravizado com relação ao vinho, em teoria, deveria ser apenas para servir ao grupo social que ditava a forma de como a sociedade deveria se portar. Vale ressaltar que a aguardente não estava presente

nesse discurso, ou seja, as bebidas espirituosas, destiladas, costumavam estar associadas ao contexto de ociosidade e vadiagem.

Porém, ao analisar a presença dessas bebidas espirituosas, principalmente a aguardente, percebe-se um contexto completamente diferente do que é visto com relação ao vinho. Geralmente, o consumo da aguardente estava associado à uma bebida que fazia mal à saúde, era consumida por pessoas pobres, trabalhadores, criminosos e “vadios”. Ou seja, há uma disparidade no que se fala a respeito dessa bebida, assim como o que não se fala, pois, um ponto a ser observado nas fontes analisadas é a falta de comentários maiores sobre a aguardente.

Enquanto o vinho recebe diferentes especificidades, diferentes cálices para seu consumo, e em quais ocasiões deveria ser consumido, a aguardente surge pouquíssimas vezes, em detrimento ao vinho. Sendo assim, não era considerado civilizado o consumo dessa bebida, pela elite, em comparação com a outra, fermentada, que sempre costuma ser citada e tratada de formas diferentes. Ou seja, o vinho era visto de diferentes maneiras, seja para saúde, para alimentação, para o modo da elite se portar, enquanto o único contexto em que a aguardente era vista, era o da criminalidade.

Por fim, a análise dos materiais em vidro, que foi e ainda é realizada ao longo dos anos de pesquisa em laboratório, é importante para que se percebam suas características, e o que estava circulando pela cidade no período. Vale ressaltar que a falta de identificação dos fabricantes, como observado em alguns exemplos, também é importante para ser destacada. Isso abre espaço para uma busca mais profunda de fábricas que não existem mais ou que até mesmo mudaram de nome, além de garrafas utilizadas para diferentes sentidos, visto que chegavam vazias, e apenas no porto eram armazenadas (Santos, 2009).

Dessa forma, é possível futuramente realizar uma busca de quem estaria produzindo determinados tipos de garrafas, e as diferentes formas e sentidos nas quais eram produzidas. Através do estudo da grande massa de materiais a serem analisados, será possível observar qual o período mais constante da presença dessas garrafas. Além disso, não somente há a possibilidade de identificar o período mais recorrente das garrafas de vidro, como também o uso delas, sobretudo com relação ao seu consumo.

Então, a partir da identificação desses períodos, é possível compreender mais ainda o contexto do cotidiano recifense e de forma mais detalhada. Assim, pode-se observar como aqueles materiais se relacionam com os relatos das pessoas que passaram pelo Recife. Também é possível relacionar diretamente com as que viveram na cidade no século XIX, sobretudo dentro do próprio Bairro do Recife.

A análise dos materiais de vidro realizada para esta monografia foi muito importante para que se observasse a influência do consumo das bebidas alcoólicas no cotidiano. É a partir desse estudo que se pode determinar um recorte temporal das discussões que são realizadas ao longo do trabalho, além de abrir espaço para uma discussão mais detalhada acerca do que foi identificado. A presença de garrafas de vidro, que possuíam propósito para o consumo das bebidas fermentadas, como vinho e cerveja, dialogam com essa busca da elite em “modernizar” a cidade.

Portanto, a arqueologia é uma ciência essencial para se estudar as sociedades humanas, pois, a partir de um fragmento do que se é recuperado na escavação, a pesquisa é capaz de compreender a vivência de uma população. Além disso, a diversidade de materiais que são encontrados em um único lugar remonta a história desse cotidiano passado, e que influenciou a cidade a passar por mudanças ao longo do tempo. O cotidiano do Recife é um tema muito importante para conhecer a vida das pessoas que não tiveram tanto destaque na história, assim como compreender os embates entre os grupos sociais que tinham suas discordâncias. No caso das bebidas alcoólicas, essa discordância influenciou e fez parte da construção desse cotidiano, marcado por proibições, recomendações e desigualdades em seu discurso.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rosângela Bezerra. **Primeiras ocupações residenciais da Rua de São Jorge no Bairro do Recife: um estudo das estruturas arqueológicas da Quadra 55 na área do Pilar, Recife-PE.** Ed. Universitária da UFPE, 2016.
- AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de; SOUZA, Amilton Justo de. A importância da cultura material e a arqueologia na construção da história. **História Unisinos**, São Leopoldo, n.14, v. 1, jan/abr. 2010, p. 62-76.
- BERNARDES, Denis. **Recife, O Caranguejo e o Viaduto.** 2. ed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013.
- CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **La Invención de lo cotidiano2.Habitar, cocinar.** México: Ed. Universidad Iberoamericana, 1999.
- EUGENIO, A. O COMBATE MÉDICO AO ALCOOLISMO NO BRASIL DO SÉCULO XIX. **Sæculum – Revista de História**, v. 38, n. 38, p. 191-203, 30 jun. 2018.
- FUNARI, Pedro Paulo. Os historiadores e a cultura material. In Pinsky. Carla Bassanezi. (Org.). **Fontes Históricas.** 2ªed. São Paulo: Contexto, 2008.
- GARDNER, George. **VIAGENS NO BRASIL principalmente nas províncias do norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos 1836-1841.** Brasil: Companhia Editora Nacional, 1942.
- GIUSTINA, Lêda Bernardi Della. **O pilar que ficou:um estudo de conservação em bens patrimoniais a partir do conceito de valor: o caso da Igreja do Pilar do Recife.** Ed. Universitária da UFPE, 2010.
- GRAHAM, Maria. **Diário de uma viagem ao Brasil e de uma estada nesse país durante parte dos anos de 1821, 1822 e 1823.** São Paulo: Brasiliana, 1956.
- HENDERSON, James. **A History of the Brazil comprising its geography, commerce, colonization, aboriginal inhabitants &c, &c, &c.**London: Longman, 1821.
- JONES, Olive; Catherine Sullivan. **The Parks Canada Glass Glossary for the Description of Containers, Tableware, Flat Glass, And Closures.** Ottawa: Environment Canada, 1985.
- JONES, O. *Glass bottle push-ups and pontil marks.* **Hist Arch** 5, 1968, pp. 62–73.
- KIDDER, Daniel P. **Reminiscências de Viagens e Permanências no Brasil – Províncias do Norte.** Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008. 312p.
- KOSTER, Henry. **Viagens ao Nordeste do Brasil “Travels in Brazil”.** Brasil: Companhia Editora Nacional, 1942.
- LOCKHART, Bill; SCHRIEVER, Beau; LINDSEY, Bill; SERR, Carol. **Other S Marks. The Bottle Research Group,** Estados Unidos, 2019.
- LORRAIN, Dessamae. *An Archaeologist's Guide to Nineteenth Century American Glass.* **Historical Archaeology**, vol. 2, 1968, pp. 35–44.
- MENESES, Ulpiano T Bezerra de. A cultura material no estudo das sociedades antigas, **Revista de História**,NS n.115, p.103-117, 1983.

MEYER V, Ferdinand. *Is the Hunyadi Janos Saxlehner's Bitterquelle a bitters bottle?*. **Peachridge Glass**, 2015. Disponível em: <<https://www.peachridgeglass.com/2015/02/is-the-hunyadi-janos-saxlehners-bitterquelle-a-bitters-bottle/>>.

NEWMAN, T. Stell. *A Dating Key for Post-Eighteenth Century Bottles*. In: FONTANA, B. L. **Historical Archaeology Vol. 4**. New York: Springer, 1970.

ROQUETTE, J. I. **Código do Bom-Tom ou Regras da civilidade e de bem viver no XIXº século**. Organização: Lília Moritz Schwarcz. – São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SANTOS, Manuela Arruda dos. **Recife: entre a sujeira e a falta de (com)postura 1831-1845**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife. p. 147. 2009.

SANTOS, Paulo Alexandre da Graça. 2005. **Contentores de bebidas alcoólicas: Usos e significados na Porto Alegre oitocentista**. Dissertação de Mestrado, PUCRS, Porto Alegre.

SANTOS, Paulo Alexandre da Graça. 2009. **Mensagens nas Garrafas: O prático e o simbólico no consumo de bebidas em Porto Alegre (1875-1930)**. Tese de Doutorado, PUCRS, Porto Alegre.

SILVA, Sandro Vasconcelos da. **O Costume da praça vai à casa: as transformações urbanas e suas influências sobre os costumes da classe burguesa do Recife oitocentista (1830 - 1880)**. 2011. 198 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, p. 198. 2011.

SILVA, Wellington Barbosa da (Org.). **O Recife no Século XIX: Outras Histórias (1830-1890)**. Jundiaí: Paco, 2018.

SOCIETY FOR HISTORICAL ARCHAEOLOGY. Society for Historical Archaeology, 2015. Home. Disponível em: <<https://sha.org>>.

TOLLENARE, L. F. de. **Notas dominicaes tomadas durante uma residência em Portugal e no Brasil nos annos de 1816, 1817 e 1818**. Recife: Jornal do Recife, 1905.

WHITTEN, David. **Glass Bottle Marks**, 2004. *Welcome Page*. Disponível em: <<https://www.glassbottlemarks.com/>>.